

Apostila de Lógica para Computação
Segunda unidade: Lógica de Predicados

Professor: Ruy J. Guerra B. de Queiroz
Transcrito por Ruan Vasconcelos B. Carvalho (rvbc)

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO	3
OBJETIVO	3
ESTRUTURA	3
1. SUBESTRUTURAS	4
DEFINIÇÃO	4
2. SINTAXE DA LÓGICA DE PREDICADOS	5
TERMOS DE UMA ASSINATURA DE UMA LINGUAGEM	5
DEFINIÇÃO FORMAL	5
FÓRMULAS ATÔMICAS DE UMA ASSINATURA	6
SENTENÇA ATÔMICA	6
SUBSTITUIÇÃO	6
FÓRMULA BEM-FORMADA	6
DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS LIVRES	6
3. SEMÂNTICA	7
INTERPRETAÇÃO DE UMA ASSINATURA NUMA ESTRUTURA	7
SEMÂNTICA DE TERMOS	7
DEFINIÇÃO	7
ATRIBUIÇÃO DE ELEMENTOS A VARIÁVEIS	8
SEMÂNTICA DE SENTENÇAS ATÔMICAS	8
MODELO E CONTRA-MODELO	9
SEMÂNTICA DE SENTENÇAS	9
4. SATISFATIBILIDADE I	10
DEFINIÇÃO	10
DE ESTRUTURAS PARA SENTENÇAS (ATÔMICAS)	10
RELAÇÕES	11
FUNÇÕES	11
DE SENTENÇAS (ATÔMICAS) PARA ESTRUTURAS	12
DEFINIÇÃO DE DIAGRAMA POSITIVO	12
DO DIAGRAMA POSITIVO PARA UMA ESTRUTURA	12
5. SATISFATIBILIDADE II	14
PROBLEMA	14
ELIMINAÇÃO DE QUANTIFICADORES	14
FÓRMULA PRENEX	14
ELIMINAR OS QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS	15
TERCEIRO PASSO	16
QUARTO PASSO	16
PROBLEMA DA UNIFICAÇÃO DE TERMOS	17
EQUAÇÃO NA FORMA RESOLVIDA	18
TEOREMA DE HERBRAND	19
TEOREMA DA COMPACCIDADE	19

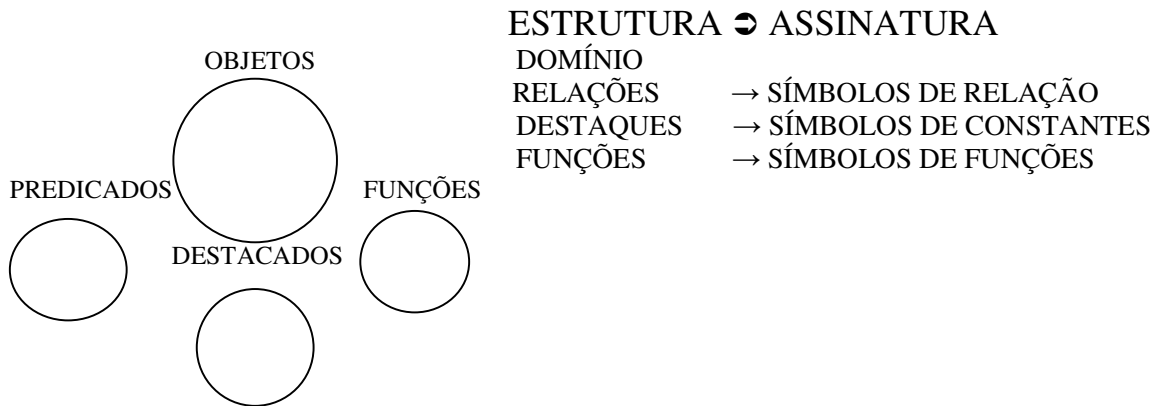
0. INTRODUÇÃO

OBJETIVO

→ Trazer à tona na representação simbólica os objetos, os predicados e relações em cada sentença.

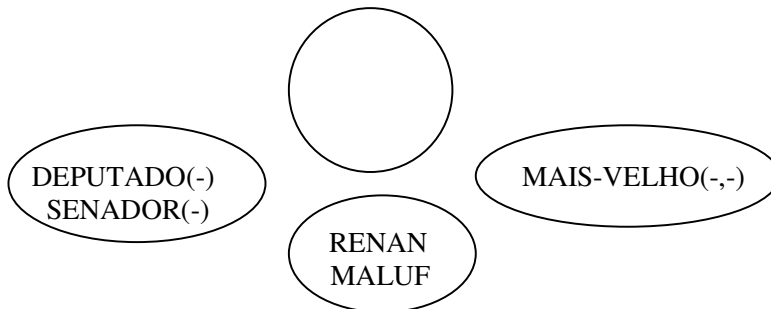
ESTRUTURA

➤ *Conjunto de objetos, lista de relações, lista de funções, lista de destaques.* As estruturas assumem o papel das valorações verdade da lógica proposicional.

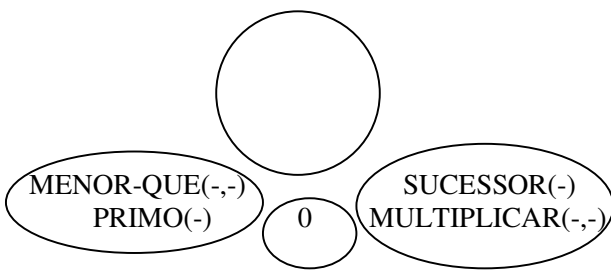


Exemplos:

1) PARLAMENTARES



2) IN



1. SUBESTRUTURAS

➤ Dadas duas estruturas **A** e **B**, como sabemos se:

⊃ **A** é subestrutura de **B**?

⊃ **B** é subestrutura de **A**?

I) Mesma assinatura → Relações binárias, ternárias; funções...

II) Mesma natureza de domínio → $A \subseteq B$

III) “Tudo” é preservado

DEFINIÇÃO

→ Sejam **A** e **B** duas estruturas de **MESMA ASSINATURA L**. Uma **função** entre os domínios de **A** e **B**, isto é, $h : \text{dom}(A) \rightarrow \text{dom}(B)$, “**preserva os papéis**” se:

1. Para todo símbolo de **constante** c de **L**:

$$\ominus h(c^A) = c^B$$

2. Para todo símbolo de **relação n-ária** ($n > 0$) R de **L**:

$$\ominus \text{se } (x_1, x_2, \dots, x_n) \in R^A \text{ então } (h(x_1), h(x_2), \dots, h(x_n)) \in R^B$$

3. Para todo símbolo de **função n-ária** ($n > 0$) m de **L**:

$$\ominus h(m^A(x_1, x_2, \dots, x_n)) = m^B(h(x_1), h(x_2), \dots, h(x_n))$$

As definições acima definem um **HOMOMORFISMO**. Para que haja um **HOMOMORFISMO IMERSOR**, a função h deve ser **INJETIVA** e no lugar de **SE** temos **SSE**. Já para o caso de **ISOMORFISMO**, além de ser **IMERSOR**, a função deve ser **BIJETIVA (IMERSÃO SOBREJETORA)**.

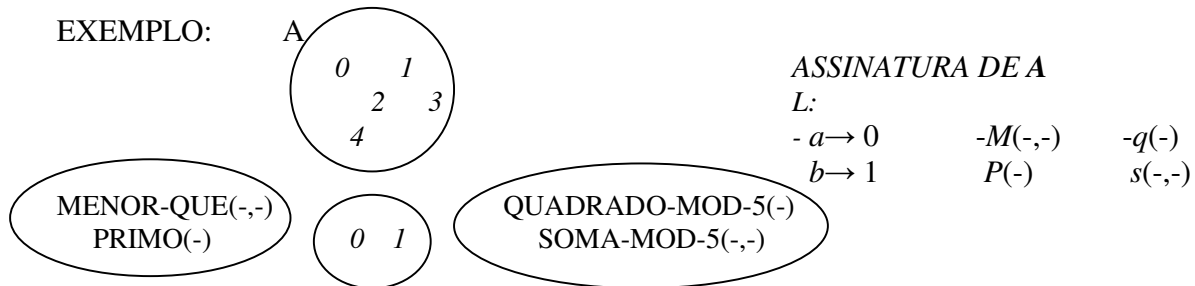
Sejam **A** e **B** duas estruturas, dizemos que $A \subseteq B$ sse há um **HOMOMORFISMO IMERSOR** de **A** para **B** e $\text{dom}(A) \subseteq \text{dom}(B)$. Nesse caso dizemos que **A** é **SUBESTRUTURA** de **B** ou que **B** é **EXTENSÃO** de **A**.

2. SINTAXE DA LÓGICA DE PREDICADOS

Qual é o **FORMATO** das fórmulas da lógica de predicados?

- Como é uma FÓRMULA ATÔMICA?
- Como se montam FÓRMULAS COMPOSTAS?

EXEMPLO:



EXEMPLOS DE SENTENÇAS ATÔMICAS

- 3 é primo $\rightarrow P(s(s(b,b),b))$
- 2 é menor-que 1 $\rightarrow M(s(b,b),b)$
- O quadrado mod 5 de 3 é primo $\rightarrow P(q(s(s(b,b),b)))$
- A soma mod 5 de 1 e 3 é menor que o quadrado mod 5 de 3 $\rightarrow M(s(b, s(s(b,b),b)), q(s(s(b,b),b)))$

TERMOS DE UMA ASSINATURA DE UMA LINGUAGEM

➤ A grosso modo, os termos de uma assinatura são expressões *montadas* a partir das *constantes* e símbolos das *funções* de **L** e *representam elementos do domínio* de uma estrutura de assinatura **L**.

DEFINIÇÃO FORMAL

➔ Seja **L** uma assinatura. O conjunto dos termos de **L** é definido indutivamente da seguinte forma:

I) BASE

- Todo símbolo de **constante** e de **variável** são termos.

II) FUNÇÕES GERADORAS

- Se t_1, t_2, \dots, t_n forem termos de **L** e f for um símbolo de uma função n-ária de **L**, então a expressão $f(t_1, t_2, \dots, t_n)$ é um termo de **L**.

III) NADA MAIS É TERMO

OBSERVAÇÃO ➔ Um termo é dito **fechado** se **nenhuma variável** ocorre nele.

FÓRMULAS ATÔMICAS DE UMA ASSINATURA

➤ Suponha que L seja uma assinatura. Uma fórmula atômica de L é:

- $R(t_1, t_2, \dots, t_n)$ onde R é um símbolo de *relação* n -ária de L e t_1, t_2, \dots, t_n são *termos* de L .
- $t_1 = t_2$ onde t_1 e t_2 são *termos* de L .

SENTENÇA ATÔMICA

➔ Uma sentença atômica de L é uma **fórmula atômica** de L que **não contém variáveis**.

SUBSTITUIÇÃO

➔ Suponha que φ seja uma fórmula atômica de L na qual aparecem as variáveis x_1, x_2, \dots, x_n . (Escrevendo explicitamente: $\varphi(x_1, x_2, \dots, x_n)$). A substituição dos termos t_1, t_2, \dots, t_n pelos respectivos x_1, x_2, \dots, x_n em φ resulta na fórmula $\varphi(t_1, t_2, \dots, t_n)$.

FÓRMULA BEM-FORMADA

➤ Seja L uma assinatura. O conjunto das fórmulas bem-formadas de L é definido indutivamente da seguinte forma:

- Toda **fórmula atômica** é uma FBF. (CASO BASE)
- Se φ é uma FBF, então $(\neg\varphi)$ também é FBF.
- Se φ e ψ são FBF's, então $(\varphi \wedge \psi)$ é FBF.
- Se φ e ψ são FBF's, então $(\varphi \vee \psi)$ é FBF.
- Se φ e ψ são FBF's, então $(\varphi \rightarrow \psi)$ é FBF.
- Se φ é uma FBF, então $\forall x\varphi(x)$ é uma FBF.
- Se φ é uma FBF, então $\exists x\varphi(x)$ é uma FBF.
- Nada mais é FBF.

DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS LIVRES

➔ Seja φ uma fórmula da assinatura de L . Vamos definir recursivamente o conjunto das variáveis livres (isto é, sem quantificação) que ocorrem em φ .

vl : FBF de $L \rightarrow P(\text{variáveis})$

- $vl(\varphi) = \{x_1, x_2, \dots, x_n\}$ se φ for atômica e tem ocorrência de x_1, x_2, \dots, x_n . (BASE)
- $vl((\neg\varphi)) = vl(\varphi)$
- $vl((\varphi \wedge \psi)) = vl(\varphi) \cup vl(\psi)$
- $vl((\varphi \vee \psi)) = vl(\varphi) \cup vl(\psi)$
- $vl((\varphi \rightarrow \psi)) = vl(\varphi) \cup vl(\psi)$
- $vl(\forall x\varphi) = vl(\varphi) - \{x\}$
- $vl(\exists x\varphi) = vl(\varphi) - \{x\}$

SENTENÇA → Uma **sentença** de uma assinatura L é uma FBF de L cujo **conjunto de variáveis livres é vazio**.

3. SEMÂNTICA

INTERPRETAÇÃO DE UMA ASSINATURA NUMA ESTRUTURA

➤ Suponha que **L** seja uma assinatura e **A** uma L-estrutura. Uma interpretação de **L** em **A** é uma associação de:

- Cada símbolo c de constante de **L** a um elemento c^A destacado do domínio de **A**.
- Cada símbolo R de relação n-ária de **L** a uma relação n-ária R^A de **A** ($n > 0$).
- Cada símbolo f de função n-ária de **L** a uma função n-ária f^A de **A** ($n > 0$).

SEMÂNTICA DE TERMOS

DEFINIÇÃO

➔ Suponha que **L** seja uma assinatura e t seja um **termo fechado** (ou seja, sem variáveis). O “significado” de t na L-estrutura **A**, denotado por t^A , é o elemento resultante de se calcular a expressão correspondente a t na estrutura **A** conforme a interpretação dada aos símbolos de constante e de função. Assim:

- t^A é o elemento **destacado** c^A se t for um **termo atômico** constituído apenas pelo símbolo de **constante** c .
- t^A é o elemento resultante do cálculo de $j^A(t_1^A, t_2^A, \dots, t_n^A)$ se t é a expressão $j(t_1, t_2, \dots, t_n)$ onde j é o **símbolo de função** n-ária de **L** e t_1, t_2, \dots, t_n são termos fechados de **L**.

EXEMPLO: Seja a seguinte interpretação:

- $a^A = 1$

- $R^A = \text{DIVIDE}$

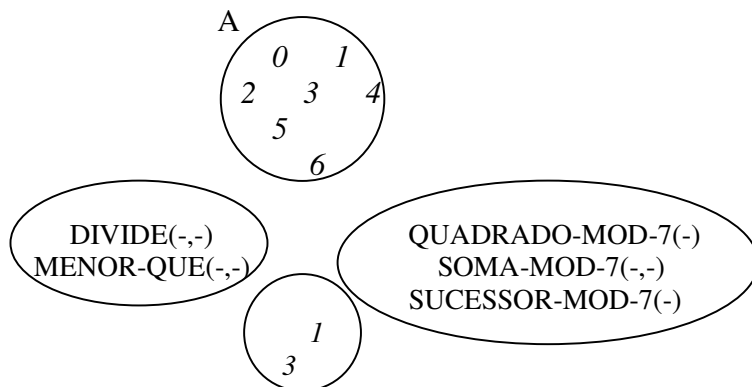
- $f^A = \text{SUCESSOR} - \text{MOD} - 7$

$b^A = 3$

$S^A = \text{MENOR} - \text{QUE}$

$g^A = \text{SOMA} - \text{MOD} - 7$

$h^A = \text{QUADRADO} - \text{MOD} - 7$



$$(f(a))^A \therefore f^A(a^A) \Rightarrow \text{sucessor} - \text{mod} - 7(1) = 2$$

$$(g(h(a), f(b)))^A \therefore g^A((h(a))^A, (f(b))^A) \therefore g^A(h^A(a^A), f^A(b^A))$$

$$\Rightarrow \text{soma} - \text{mod} - 7(\text{quadrado} - \text{mod} - 7(1), \text{sucessor} - \text{mod} - 7(3)) \therefore \text{soma} - \text{mod} - 7(1,4) = 5$$

ATRIBUIÇÃO DE ELEMENTOS A VARIÁVEIS

➔ Suponha que t seja um termo da assinatura \mathbf{L} no qual ocorrem as **variáveis** x_1, x_2, \dots, x_n . Uma atribuição de elementos a_1, a_2, \dots, a_n do domínio de uma L-estrutura \mathbf{A} às variáveis x_1, x_2, \dots, x_n , respectivamente, deverá permitir a nós calcular t^A .

EXEMPLO: Seja t o termo $g(h(x), f(y))$. Poderíamos escrever t como $t(x, y)$. Agora, teremos a atribuição:

➔ 3 no lugar de x

➔ 2 no lugar de y

Em símbolos: $t(x, y)[3/x][2/y]$. Agora vamos calcular $(t(x, y)[3/x][2/y])^A$.

$$(g(h(x), f(y))[3/x][2/y])^A \therefore (g(h(3), f(2)))^A \therefore g^A((h(3))^A, (f(2))^A) \therefore g^A(h^A(3), f^A(2))$$

$$\Rightarrow \text{soma} - \text{mod} - 7(\text{quadrado} - \text{mod} - 7(3), \text{sucessor} - \text{mod} - 7(2)) \therefore \text{soma} - \text{mod} - 7(2,3) = 5$$

SEMÂNTICA DE SENTENÇAS ATÔMICAS

➤ Suponha que φ seja uma **sentença atômica** (ou seja, não contém variáveis) de \mathbf{L} e \mathbf{A} seja uma L-estrutura. Dada uma interpretação de \mathbf{L} em \mathbf{A} , o significado de φ em \mathbf{A} conforme tal interpretação é dado por:

➔ I) Se φ é da forma $R(t_1, t_2, \dots, t_n)$ onde R é um símbolo de relação n -ária de \mathbf{L} e t_1, t_2, \dots, t_n são **termos fechados** de \mathbf{L} , então φ^A , ou seja, $R^A(t_1^A, t_2^A, \dots, t_n^A)$, é verdadeira se e somente se a n -upla $(t_1^A, t_2^A, \dots, t_n^A)$ pertence à relação R^A . Exemplo:

$$(S(g(h(b), f(a)), g(a, b)))^A \therefore S^A((g(h(b), f(a)))^A, (g(a, b))^A) \therefore S^A(g^A((h(b))^A, (f(a))^A), g^A(a^A, b^A))$$

$$\Rightarrow \text{menor} - \text{que}(\text{soma} - \text{mod} - 7(\text{quadrado} - \text{mod} - 7(3), \text{sucessor} - \text{mod} - 7(1)), \text{soma} - \text{mod} - 7(1,3))$$

$$\Rightarrow \text{menor} - \text{que}(\text{soma} - \text{mod} - 7(2,2), 4) \therefore \text{menor} - \text{que}(4,4) = \text{FALSO}$$

➔ II) Se φ é da forma $t_1 = t_2$ tal que t_1 e t_2 são **termos fechados** de \mathbf{L} , então φ^A , ou seja $(t_1 = t_2)^A$, isto é $t_1^A = t_2^A$, é verdadeiro se e somente se t_1^A é o mesmo elemento que t_2^A .

MODELO E CONTRA-MODELO

→ Seja L uma assinatura, A uma L -estrutura, i uma interpretação de L em A e φ uma **sentença atômica** de L .

⇒ A é um **modelo** de φ se φ^A , conforme i , é **verdadeira**.

⇒ A é um **contra-modelo** de φ se φ^A , conforme i , é **falsa**.

SEMÂNTICA DE SENTENÇAS

➤ Suponha que φ seja uma **sentença** de L e A seja uma L -estrutura. Dada uma interpretação de L em A , dizemos que φ^A é verdadeira em A da seguinte forma:

⇒ Se φ for atômica, volte à definição anterior.

⇒ Se φ é da forma $(\neg \psi)$, φ^A é verdadeira sse ψ^A **não** for verdadeira.

⇒ Se φ é da forma $(\psi \wedge \rho)$, φ^A é verdadeira sse ψ^A **E** ρ^A são verdadeiras.

⇒ Se φ é da forma $(\psi \vee \rho)$, φ^A é verdadeira sse ψ^A **OU** ρ^A é verdadeira.

⇒ Se φ é da forma $(\psi \rightarrow \rho)$, φ^A é verdadeira sse $(\neg \psi \vee \rho)$ é verdadeira.

⇒ Se φ é da forma $\forall x \psi(x)$, φ^A é verdadeira sse $(\psi(x)[a/x])^A$ é verdadeira **para todo** elemento a do domínio de A .

⇒ Se φ é da forma $\exists x \psi(x)$, φ^A é verdadeira sse $(\psi(x)[a/x])^A$ é verdadeira **para algum** elemento a do domínio de A .

4. SATISFATIBILIDADE I

➤ $\forall y(Q(y) \vee Q(f(y)))$ é uma conseqüência lógica de $\{\forall x(P(x,b) \vee Q(x)), \forall y(P(f(y),b) \rightarrow Q(y))\}$? Podemos reformular nossa pergunta: $\{\forall x(P(x,b) \vee Q(x)), \forall y(P(f(y),b) \rightarrow Q(y)), \neg \forall y(Q(y) \vee Q(f(y)))\}$ é insatisfável?

DEFINIÇÃO

➔ Seja $\varphi(\bar{x})$ uma **FÓRMULA** da lógica de predicados numa assinatura L .

⊕ I) Dizemos que $\varphi(\bar{x})$ é **satisfável** se **existe uma** L-estrutura A , uma interpretação de L em A , uma n-upla a_1, a_2, \dots, a_n de elementos do domínio de A tal que $\varphi^A(\bar{a})$ é **verdadeira**.

⊕ II) Dizemos que $\varphi(\bar{x})$ é **refutável** se **existe uma** L-estrutura A , uma interpretação de L em A , uma n-upla a_1, a_2, \dots, a_n de elementos do domínio de A tal que $\varphi^A(\bar{a})$ é **falsa**.

⊕ III) Dizemos que $\varphi(\bar{x})$ é **válida** se **para toda** L-estrutura A , toda interpretação de L em A , toda n-upla a_1, a_2, \dots, a_n de elementos do domínio de A tem-se que $\varphi^A(\bar{a})$ é **verdadeira**.

⊕ IV) Dizemos que $\varphi(\bar{x})$ é **insatisfável** se **para toda** L-estrutura A , toda interpretação de L em A , toda n-upla a_1, a_2, \dots, a_n de elementos do domínio de A tem-se que $\varphi^A(\bar{a})$ é **falsa**.

Seja φ uma **SENTENÇA** da lógica de predicados numa assinatura L .

⊕ I) Dizemos que φ é **satisfável** se existe uma L-estrutura A , uma interpretação de L em A tal que φ^A é verdadeira (ou seja, φ **tem modelo**).

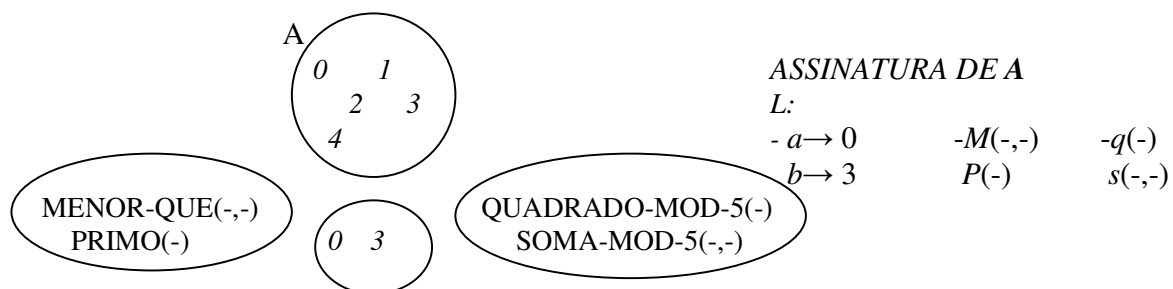
⊕ II) Dizemos que φ é **refutável** se φ **tem contra-modelo**.

⊕ III) Dizemos que φ é **válida** se φ **não tem contra-modelo**.

⊕ II) Dizemos que φ é **insatisfável** se φ **não tem modelo**.

DE ESTRUTURAS PARA SENTENÇAS (ATÔMICAS)

➤ Seja L uma assinatura e A uma L-estrutura. Devemos **listar todas as sentenças atômicas de L que sejam verdadeiras em A** .



RELAÇÕES

→ Para toda relação **R** n-ária de **L** listar $R(t_1, t_2, \dots, t_n)$ onde t_1, t_2, \dots, t_n são termos fechados de **L** e $R(t_1, t_2, \dots, t_n)$ é verdadeira em **A**.

PRIMO

→ Listar todos os números que são primos.

☉ 2 é primo: $P(s(s(b, b), s(b, b)))$.

☉ 3 é primo: $P(b)$.

MENOR-QUE

→ Listar todos os pares (x, y) tal que $x < y$.

☉ 0 é menor-que 1: $M(a, s(b, b))$.

☉ 0 é menor-que 2: $M(a, s(s(b, b), s(b, b)))$.

☉ 0 é menor-que 3: $M(a, b)$.

☉ 0 é menor-que 4: $M(a, q(b))$.

☉ 1 é menor-que 2: $M(s(b, b), s(s(b, b), s(b, b)))$.

...

☉ 3 é menor-que 4: $M(b, q(b))$.

FUNÇÕES

→ Para toda função **f** n-ária de **L** calcular $f(t_1, t_2, \dots, t_n)$ onde t_1, t_2, \dots, t_n são termos fechados de **L** e expressar o resultado com a relação **igual (=)**.

QUADRADO-MOD-5

→ Para cada elemento x do domínio de **A**, calcular $q(x)$.

☉ O quadrado mod 5 de 0 é 0: $q(a) = a$.

☉ O quadrado mod 5 de 1 é 1: $q(s(b, b)) = s(b, b)$.

☉ O quadrado mod 5 de 2 é 4: $q(s(s(b, b), s(b, b))) = s(b, s(b, b))$.

☉ O quadrado mod 5 de 3 é 4: $q(b) = s(b, s(b, b))$.

☉ O quadrado mod 5 de 4 é 1: $q(s(b, s(b, b))) = s(b, b)$.

SOMA-MOD-5

→ Para cada par (x, y) onde x e y são elementos do domínio de **A**, calcular $s(x, y)$.

☉ A soma mod 5 de 0 com 0 é 0: $s(a, a) = a$.

☉ A soma mod 5 de 0 com 1 é 1: $s(a, s(b, b)) = s(b, b)$.

...

☉ A soma mod 5 de 0 com 4 é 4: $s(a, q(b)) = q(b)$.

☉ A soma mod 5 de 1 com 0 é 1: $s(s(b, b), a) = s(b, b)$.

☉ A soma mod 5 de 1 com 1 é 2: $s(s(b, b), s(b, b)) = s(q(q(b)), q(q(b)))$.

...

☉ A soma mod 5 de 4 com 4 é 3: $s(q(b), q(b)) = b$.

DE SENTENÇAS (ATÔMICAS) PARA ESTRUTURAS

DEFINIÇÃO DE DIAGRAMA POSITIVO

→ Suponha que L seja uma assinatura e que A seja uma L -estrutura. O diagrama positivo de A é o **conjunto de todas as sentenças atômicas de L que são verdadeiras em A** . Ou seja, na página anterior nós geramos o diagrama positivo de A .

DO DIAGRAMA POSITIVO PARA UMA ESTRUTURA

→ Vamos definir uma estrutura B tal que o seu diagrama positivo seja:

$S(a, b)$	$f(a) = b$
$S(f(b), a)$	$f(f(b)) = b$
$S(g(a, b), a)$	$g(a, a) = b$
$S(b, f(b))$	$g(b, a) = a$
$R(f(a))$	$g(b, b) = b$
$R(g(f(a), b))$	$g(f(b), f(a)) = a$
$R(g(b, a))$	$g(f(b), a) = a$
	$g(a, b) = a$

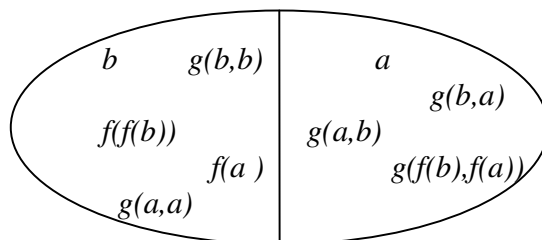
1. ASSINATURA L

→ - $S(-, -)$	- a	- $f(-)$
$R(-)$	b	$g(-, -)$

2. DOMÍNIO

→ Queremos definir uma estrutura B a **mais genérica possível (REFERENCIAL)** tal que qualquer que tenha sido a estrutura C que tenha gerado o **DIAGRAMA POSITIVO** dado, seja possível definir um **HOMOMORFISMO de B para C** . Chamaremos B de **MODELO CANÔNICO**.

→ DOMÍNIO DE B → **Termos fechados** de L : $a, b, f(a), f(b), g(a, a), g(a, b), g(b, a), g(b, b)$... Daí surge o problema: se o domínio da estrutura original fosse menor do que o definido acima? Para resolver isso nós **agrupamos os termos semelhantes usando classes de equivalência**.



Logo: **DOMÍNIO**: $[t]$ para $t \in$ termos fechados de L .

3. DESTAQUES

→ Basta listar: $- a^B = a$
 $b^B = b$

4. RELAÇÕES E PREDICADOS

→ I) $S(a, b) \therefore S^B([a], [b])$ $S(f(b), a) \therefore S^B([f(b)], [a])$

$S(g(a, b), a) \therefore S^B([g(a, b)], [a])$ $S(b, f(b)) \therefore S^B([b], [f(b)])$

Logo, temos os pares: $S^B = \{([a], [b]), ([f(b)], [a]), ([g(a, b)], [a]), ([b], [f(b)])\}$.

II) Procedendo de forma análoga com R obtemos $R^B = \{[f(a)], [g(f(a), b)], [g(b, a)]\}$.

5. FUNÇÕES

→ I) $f^B([t]) = [f(t)]$.

II) $g^B([t_1], [t_2]) = [g(t_1, t_2)]$

Agora é possível definir um homomorfismo de **B** para **C**, mas não demonstraremos isso aqui.

5. SATISFATIBILIDADE II

PROBLEMA

- Dado um **CONJUNTO Γ DE SENTENÇAS**, pergunta-se: “ Γ é **satisfatível**?”
- ➡ Se Γ fosse um conjunto de **sentenças atômicas**, então a resposta é **SIM**, pois podemos montar o “**MODELO CANÔNICO**”.
 - ➡ Senão, vamos tentar decompor sentenças de Γ em sentenças “pequenas”, preferivelmente atômicas.

EXEMPLO: $\Delta = \{\forall x(P(x,b) \vee Q(x)), \forall y(P(f(y),b) \rightarrow Q(y)), \neg \forall y(Q(y) \vee Q(f(y)))\}$ é insatisfatível? Seria fácil responder se Δ fosse composto apenas por sentenças atômicas. Logo, o nosso problema se resume no seguinte: **é possível criar um conjunto de sentenças atômicas que representa Δ ?**

O primeiro passo para isso é eliminar os quantificadores.

ELIMINAÇÃO DE QUANTIFICADORES

- Dada uma sentença φ , queremos encontrar φ' tal que:
- ➡ φ' seja logicamente equivalente a φ .
 - ➡ φ' não contenha quantificadores.

FÓRMULA PRENEX

➔ Uma fórmula da lógica de predicados está na fórmula **PRENEX** (*Prefixed Normal Expression*) se ela tem o seguinte formato:

$$Q_1 x_1 Q_2 x_2 \dots Q_n x_n \psi(x_1, x_2, \dots, x_n)$$

Onde $Q_i (1 \leq i \leq n)$ é \forall ou \exists e ψ **não tem quantificadores**.

TEOREMA

➔ Para toda fórmula φ da lógica de predicados numa dada assinatura **L**, existe φ' de **L** tal que:

- ➡ φ' é **logicamente equivalente** a φ ;
- ➡ φ' está na forma **PRENEX**.

EQUIVALÊNCIAS

- ➡ $\neg \forall x P(x) \equiv \exists x \neg P(x)$ e $\neg \exists x P(x) \equiv \forall x \neg P(x)$
- ➡ $\forall x P(x) \wedge \forall x Q(x) \equiv \forall x (P(x) \wedge Q(x))$ e $\exists x P(x) \vee \exists x Q(x) \equiv \exists x (P(x) \vee Q(x))$

Prova: $\forall xP(x) \wedge \forall xQ(x)$

$$P(a_1) \wedge P(a_2) \wedge \dots \wedge P(a_n) \wedge Q(a_1) \wedge Q(a_2) \wedge \dots \wedge Q(a_n)$$

$$(P(a_1) \wedge Q(a_1)) \wedge (P(a_2) \wedge Q(a_2)) \wedge \dots \wedge (P(a_n) \wedge Q(a_n)) = \forall x(P(x) \wedge Q(x))$$

⇒ $\forall xP(x) \vee \forall xQ(x) \equiv \forall x\forall z(P(x) \vee Q(z))$ e $\exists xP(x) \wedge \exists xQ(x) \equiv \exists x\exists z(P(x) \wedge Q(z))$

Prova: $\forall xP(x) \vee \forall xQ(x) \therefore \underline{\forall xP(x)} \vee \underline{\forall zQ(z)}$ (mudança de variável)

$$\underline{(P(a_1) \wedge P(a_2) \wedge \dots \wedge P(a_n)) \vee \psi} \quad (\text{fazendo } \psi = \forall zQ(z))$$

$$\underline{\forall x(P(x) \vee \psi)} \quad (\psi \text{ não depende de } x)$$

$$\underline{\theta \vee \forall zQ(z)} \quad (\text{fazendo } \theta = \forall xP(x))$$

$$\forall z(\theta \vee Q(z)) \quad (\text{aplicando o mesmo raciocínio})$$

$$\forall x\forall z(P(x) \vee Q(z))$$

⇒ $\forall xP(x) \rightarrow \forall xQ(x) \equiv \exists x\forall z(\neg P(x) \vee Q(z))$ e $\exists xP(x) \rightarrow \exists xQ(x) \equiv \forall x\exists z(\neg P(x) \wedge Q(z))$

Prova: $\forall xP(x) \rightarrow \forall xQ(x)$ (mudança de variável e implicação)

$$\neg \forall xP(x) \vee \forall zQ(z) \quad (\text{negação})$$

$$\exists x\neg P(x) \vee \forall zQ(z)$$

$$\exists x(\neg P(x) \vee \forall zQ(z))$$

$$\exists x\forall z(\neg P(x) \vee Q(z))$$

Agora que sabemos como transformar uma fórmula φ na sua forma PRENEX, vamos começar a eliminar os quantificadores.

ELIMINAR OS QUANTIFICADORES EXISTENCIAIS

→ Técnica: *Skolemização* por Thoralf Skolem (1915-1920).

Início: artigo de 1915 com Lowenheim.

EXEMPLO: $\forall x\exists y(R(x, y))$

→ Considere uma estrutura **A** tal que $dom(A) = IN$ e que $R^A = MENOR - QUE$. Para eliminarmos o '∃' nós temos que substituir o valor de y . Para isso criamos uma estrutura **B** que difere de **A** por ter uma **função** $f(-)$.

$$\Rightarrow 1. \forall x\exists y(R(x, y)) \Rightarrow \forall xR(x, f(x))$$

$f^B(-)$ pode ser "soma 5", "soma 1", "multiplica por 2"... Enfim, qualquer função que se adapte à relação R^A .

OUTROS EXEMPLOS:

$$\Rightarrow 2. \forall x\forall y\exists zP(x, y, z) \Rightarrow \forall x\forall yP(x, y, f(x, y))$$

$$\Rightarrow 3. \exists x\forall yQ(x, y) \Rightarrow \forall yQ(b, y)$$

No terceiro exemplo, não há '∀' antes do '∃'. Em casos desse tipo substitui-se a variável do '∃' por uma **constante**.

FORMA NORMAL DE SKOLEM

→ Suponha que φ seja uma fórmula da lógica de predicados na assinatura L . Assuma que φ está na forma **PRENEX**.

A fórmula φ' , que é a **FORMA NORMAL DE SKOLEM** de φ , é obtida a partir de φ **ELIMINANDO-SE CADA QUANTIFICADOR EXISTENCIAL** do tipo $\exists x_i$ e substituindo-se todas as ocorrências de x_i por uma expressão da forma $f(x_{j_1}, x_{j_2}, \dots, x_{j_k})$ onde:

- ⊃ f é um **símbolo novo de função**;
- ⊃ $x_{j_1}, x_{j_2}, \dots, x_{j_k}$ são **variáveis quantificadas universalmente na frente do $\exists x_i$** , isto é, $j_1 < i, j_2 < i, \dots, j_k < i$.

TEOREMA DE SKOLEM

→ Seja φ e φ' como na definição anterior. Nessas circunstâncias, se A é um modelo de φ , então existe uma estrutura A' de assinatura $L \cup \{\text{TODOS OS SÍMBOLOS DE CONSTANTE E DE FUNÇÃO QUE FORAM ACRESCENTADOS A } \varphi\}$.

TERCEIRO PASSO

→ Agora que temos uma fórmula na FORMA NORMAL DE SKOLEM, basta simplesmente **apagar os quantificadores universais**.

QUARTO PASSO

→ Converta todas as fórmulas para a **FORMA NORMAL CONJUNTIVA** e aplique o **MÉTODO DA RESOLUÇÃO**.

PROBLEMA DA UNIFICAÇÃO DE TERMOS

➤ Dados dois termos t_1 e t_2 numa assinatura L, obtenha (se possível) uma **lista de termos** s_1, s_2, \dots, s_n que **quando entrarem no lugar das variáveis** x_1, x_2, \dots, x_n que ocorrem em t_1 e t_2 **tornem ambos os termos idênticos**.

EXEMPLOS:

$$\Rightarrow 1. S = \{ \underline{f}(\underline{x}, g(a, y)) = \underline{f}(\underline{x}, g(y, x)) \}$$

$$S_1 = \{ \underline{x} = x, g(a, y) = g(y, x) \} \quad (\text{eliminar trivial})$$

$$S_2 = \{ \underline{g}(a, y) = \underline{g}(y, x) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_3 = \{ \underline{a} = y, \underline{y} = x \} \quad (\text{atribuição } [a/y])$$

$$S_4 = \{ [a/y], \underline{y} = x \}$$

$$S_5 = \{ [a/y], \underline{a} = x \} \quad (\text{atribuição } [a/x])$$

$$S_6 = \{ [a/y], [a/x] \}$$

$$\Rightarrow 2. S = \{ \underline{f}(g(z), x) = \underline{f}(y, x), \underline{f}(y, x) = \underline{f}(y, h(a)) \}$$

$$S_1 = \{ g(z) = y, x = x, \underline{f}(y, x) = \underline{f}(y, h(a)) \} \quad (\text{eliminar trivial})$$

$$S_2 = \{ g(z) = y, \underline{f}(y, x) = \underline{f}(y, h(a)) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_3 = \{ g(z) = y, \underline{y} = y, \underline{x} = h(a) \} \quad (\text{eliminar trivial})$$

$$S_4 = \{ g(z) = y, \underline{x} = h(a) \} \quad (\text{atribuir})$$

$$S_5 = \{ [h(a)/x], [g(z)/y], [z/z] \}$$

Dizemos que S_5 é a **SUBSTITUIÇÃO UNIFICADORA MAIS GERAL**. Poderíamos ter $S_6 = \{ [h(a)/x], [g(f(a, h(a)))/y], [f(a, h(a))/z] \}$, mas S_6 não seria mais geral que S_5 . Essa é uma característica do método: **quando há uma solução, o método nos dá a mais geral**.

$$\Rightarrow 3. S = \{ \underline{g}(f(x, x)) = \underline{g}(f(h(a), g(b))) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_1 = \{ \underline{f}(x, x) = \underline{f}(h(a), g(b)) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_2 = \{ x = h(a), x = g(b) \}$$

$$\cancel{S_3 = \{ x = h(a), h(a) = g(b) \}}$$

Como queremos **ser o mais genérico possível**, não podemos garantir que $h(a) = g(b)$. Pode até existir uma estrutura onde isso seja verdade, mas não podemos garantir para todas.

$$\Rightarrow 4. S = \{ \underline{f}(x, g(x)) = \underline{f}(g(x), g(g(x))) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_1 = \{ x = g(x), g(x) = g(g(x)) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_2 = \{ x = g(x), x = g(x) \}$$

$$\cancel{S_3 = \{ x = g(x) \}}$$

Nesse caso o programa entraria num LOOP INFINITO.

$$\Rightarrow 5. S = \{ \underline{g}(f(x, y)) = \underline{g}(f(h(y), g(z))) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_1 = \{ \underline{f}(x, y) = \underline{f}(h(y), g(z)) \} \quad (\text{decomposição})$$

$$S_2 = \{ x = h(y), y = g(z) \}$$

Perceba que devemos substituir primeiramente y . Nesse caso dizemos que x é uma **VARIÁVEL RESOLVIDA** pois y aparece em outra equação. Logo, temos:

$$S_3 = \{ [h(g(z))/x], [g(z)/y], [z/z] \}$$

EQUAÇÃO NA FORMA RESOLVIDA

→ Suponha que S um conjunto de equações. Uma equação se S da forma $x = t$ está na **FORMA RESOLVIDA** (e nesse caso, x seria uma **VARIÁVEL RESOLVIDA**) se x **NÃO OCORRE MAIS EM QUALQUER OUTRO LUGAR DE S, NEM MESMO EM t** .

O sistema S está na forma resolvida se **TODAS AS SUAS EQUAÇÕES ESTIVEREM NA FORMA RESOLVIDA**.

MÉTODO DA UNIFICAÇÃO DE TERMOS POR TRANSFORMAÇÕES DE SISTEMAS DE EQUAÇÕES

→ JACQUES HERBRAND, 1930.

Seja S um sistema de equações. Para encontrar a **SUBSTITUIÇÃO UNIFICADORA MAIS GERAL** para S , caso exista, aplique as seguintes regras de transformação sobre S até obter, se possível, um sistema S' na forma resolvida.

→ 1. ELIMINAÇÃO DE EQUAÇÕES TRIVIAIS

$$\Rightarrow \{x=x\} \cup S \Rightarrow S$$

→ 2. DECOMPOSIÇÃO DE TERMOS → Para qualquer símbolo de função f de aridade $n \geq 0$:

$$\Rightarrow \{f(t_1, t_2, \dots, t_n) = f(s_1, s_2, \dots, s_n)\} \cup S \Rightarrow S \cup \{t_1 = s_1, t_2 = s_2, \dots, t_n = s_n\}$$

→ 3. ELIMINAÇÃO DE VARIÁVEIS

$$\Rightarrow \{x=t\} \cup S \Rightarrow \{x=t\} \cup S\{[t/x]\}$$

TEOREMA DE HERBRAND

➤ Seja S um conjunto de cláusulas. S é **INSATISFATÍVEL** se e somente se **EXISTE UM CONJUNTO FINITO DE INSTÂNCIAS BÁSICAS** das cláusulas de S que é **INSATISFATÍVEL**.

TEOREMA DA COMPACTIDADE

➔ Seja Γ um conjunto de fórmulas da lógica proposicional. Γ é **SATISFATÍVEL** se e somente se **TODO SUBCONJUNTO FINITO DE Γ É SATISFATÍVEL**. O teorema é válido mesmo que Γ seja infinito. Prova:

1. IDA

→ Assuma que Γ seja satisfatível. Então existe uma valoração ν que satisfaz Γ . Tome S como sendo um subconjunto qualquer de Γ . Tome ν como valoração. Como ν satisfaz ao conjunto todo (ou seja, satisfaz a Γ), ν satisfaz cada uma das partes. Logo ν satisfaz S . Portanto, S é satisfatível.

2. VOLTA

→ Assuma que todo subconjunto finito de Γ é satisfatível (nesse caso dizemos que Γ é **FINITAMENTE SATISFATÍVEL**). Temos que provar que Γ é satisfatível, ou seja, que existe uma valoração ν que satisfaz Γ .

Vamos aumentar Γ de forma consistente até quando esse processo chegue em um **CONJUNTO MAXIMALMENTE CONSISTENTE**, isto é, um conjunto Δ tal que:

➔ 1. Para toda fórmula θ , $\theta \in \Delta$ ou $\neg\theta \in \Delta$.

➔ 2. Para nenhuma fórmula δ , $\delta \in \Delta$ e $\neg\delta \in \Delta$.

Seja $\alpha_0, \alpha_1, \alpha_2, \dots$ uma *enumeração do conjunto de fórmulas PROP*. Agora tome:

$$\begin{aligned} \Rightarrow \Delta_0 &= \Gamma. \\ \Rightarrow \Delta_{n+1} &\begin{cases} \{\alpha_n\} \cup \Delta_n \text{ se } \{\alpha_n\} \text{ é consistente com } \Delta_n \\ \Gamma \text{ caso contrário.} \end{cases} \end{aligned}$$

$$\text{Faça } \Delta = \bigcup_{i=0} \Delta_i.$$

Podemos afirmar que Δ é FINITAMENTE SATISFATÍVEL. A prova é por indução sobre n , mostrando que para todo n o Δ_n é finitamente satisfatível.

Seja a seguinte valoração: $v(x) = 1$ sse $x \in \Delta$. Claramente v satisfaz a todas as fórmulas atômicas em Δ . Ou seja, precisamos provar que PARA TODA $\alpha \in PROP$ $\wedge v(\alpha) = 1$ SSE $\alpha \in \Delta$.

Prova: por indução sobre a complexidade de α .

1. CASO BASE: α é atômica.

\Rightarrow Trivial, pois a própria definição de v atesta que v satisfaz α quando α é atômica e pertence a Δ .

2. CASOS INDUTIVOS:

I) α é da forma $\neg\beta$.

II) α é da forma $(\rho \wedge \theta)$.

III) α é da forma $(\rho \vee \theta)$.

IV) α é da forma $(\rho \rightarrow \theta)$.

Demonstraremos apenas o caso da negação:

\Rightarrow I) HI: $\wedge v(\beta) = 1$ sse $\beta \in \Delta$

TESE: $\wedge v(\neg\beta) = 1$ sse $\neg\beta \in \Delta$

IDA: Se $\wedge v(\neg\beta) = 1$ então $\neg\beta \in \Delta$. Suponha que $\neg\beta \notin \Delta$. Como Δ é maximalmente consistente então $\beta \in \Delta$. Logo, pela HI, $\wedge v(\beta) = 1$. Daí, $\wedge v(\neg\beta) = 0$. Portanto, $\wedge v(\neg\beta) \neq 0$.

VOLTA: Se $\neg\beta \in \Delta$, então $\wedge v(\neg\beta) = 1$. Assuma que $\neg\beta \notin \Delta$. Como Δ é maximalmente consistente, $\beta \notin \Delta$. Da HI, $\wedge v(\beta) = 0$. Daí, $\wedge v(\neg\beta) = 1$.

INSTÂNCIA BÁSICA

\rightarrow Seja C uma cláusula numa assinatura L tal que contém a ocorrências das variáveis x_1, x_2, \dots, x_n . Uma **INSTÂNCIA BÁSICA** de C é uma **cláusula resultante da substituição** $[t_1/x_1], [t_2/x_2], \dots, [t_n/x_n]$ em C , tal que t_1, t_2, \dots, t_n são **termos fechados** de L .